

NOVA YORK DELIRANTE

6	ARQUITETURA E CAPITALISMO: OS USOS DE NOVA YORK <i>Adrián Gorelik</i>
25	INTRODUÇÃO
29	PRÉ-HISTÓRIA
47	CONEY ISLAND: A TECNOLOGIA DO FANTÁSTICO
104	A DUPLA VIDA DA UTOPIA: O ARRANHA-CÉU
106	A fronteira no céu
137	Os teóricos do arranha-céu
158	As vidas de uma quadra: o hotel Waldorf-Astoria e o edifício Empire State
180	Instabilidade definitiva: o Downtown Athletic Club
188	QUÃO PERFEITA PODE SER A PERFEIÇÃO: A CRIAÇÃO DO ROCKEFELLER CENTER
190	Os talentos de Raymond Hood
207	Todos os Rockefeller Centers
238	Radio City Music Hall: a diversão nunca pára
250	O Krêmlin na Quinta Avenida
262	Dois pós-escritos
267	EUROPEUS: BIUÉR! DALÍ E LE CORBUSIER CONQUISTAM NOVA YORK
317	POST-MORTEM
329	APÊNDICE: UMA CONCLUSÃO FICCIONAL
354	Notas
360	Índice onomástico

PRÉ-HISTÓRIA



PROGRAMA

“Que raça povoava a ilha de Manhatta no começo?

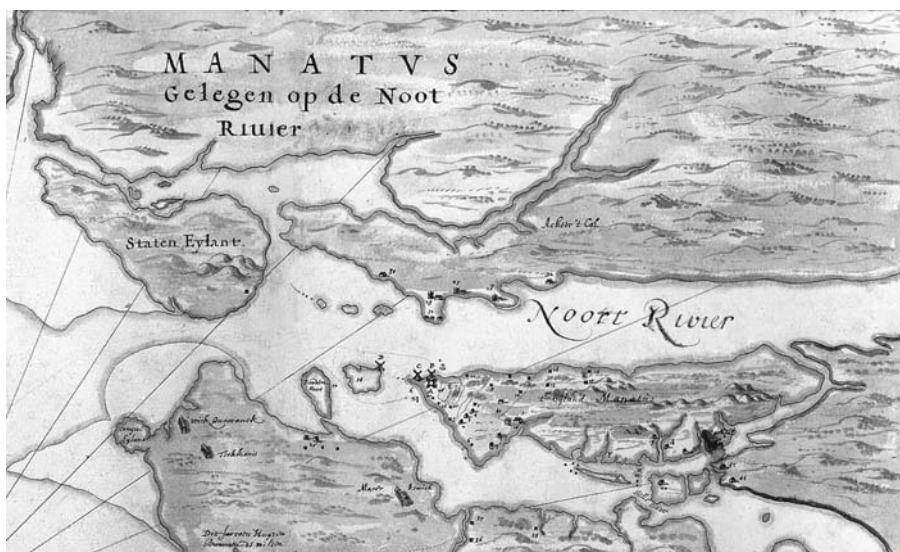
Existiram, mas não existem mais.

Dezesseis séculos da era cristã se passaram, e não restou nenhum traço de civilização onde agora se ergue uma cidade renomada pelo comércio, pela inteligência e pela riqueza.

Os filhos selvagens da natureza, intocados pelo homem branco, vagueavam por suas florestas e impeliam suas leves canoas em águas tranqüilas. Mas aproximava-se o momento em que esses domínios selvagens seriam invadidos por estrangeiros que lançariam as humildes fundações de um estado poderoso e disseminariam por todo o caminho princípios exterminadores que, com uma força sempre crescente, nunca deixariam de agir, até que toda a raça aborígine fosse extirpada e sua memória [...] fosse quase obliterada sob nossos céus. A civilização, surgindo no Oriente, havia alcançado os confins ocidentais do Velho Mundo. Agora ela devia atravessar a barreira que havia impedido seu avanço e penetrar na floresta de um continente que acabara de aparecer ao olhar atônito dos milhões de membros da Cristandade.

Manhattan: um teatro do progresso (mais tarde, o pequeno apêndice perto da entrada do Porto de Nova York se converterá em Coney Island).

A barbárie norte-americana cederia lugar ao refinamento europeu”.¹



Em meados do século XIX – mais de 200 anos depois de iniciada a experiência que é Manhattan –, eclode uma súbita autoconsciência de sua singularidade. Torna-se urgente a necessidade de mitificar seu passado e reescrever uma história que possa servir a seu futuro.

A citação anterior – de 1848 – descreve o programa de Manhattan desatendendo aos fatos, mas identificando claramente suas intenções. Manhattan é um *teatro do progresso*.

Os protagonistas são os “princípios exterminadores que, com uma força sempre crescente, nunca deixariam de atuar”. O enredo é: a barbárie cedendo lugar ao refinamento.

A partir desses dados, pode-se prever todo o seu futuro: como os princípios exterminadores nunca deixam de atuar, o que é refinamento num momento será barbárie no momento seguinte.

Portanto, a atuação nunca pode parar nem sequer avançar no sentido convencional do enredo dramático: só pode ser a reafirmação cíclica de um único tema – a criação e a destruição irrevogavelmente entrelaçadas, infundavelmente reencenadas.

O único suspense no espetáculo provém da sempre crescente intensidade da atuação.

PROJETO

“Para muita gente na Europa, evidentemente, os fatos sobre Nova Amsterdã não tinham nenhuma importância. Uma visão totalmente fictícia bastaria, desde que se encaixasse em sua idéia do que era uma cidade”.²

Em 1672, um gravurista francês, Jollain, apresenta ao mundo uma imagem cartográfica de Nova Amsterdã.

Ela é completamente falsa; nenhuma de suas informações se baseia na realidade. E no entanto é um retrato – talvez acidental – do *projeto* Manhattan: uma ficção científica urbana.

No centro da imagem aparece uma cidade murada claramente européia, cuja razão de ser, como a da Amsterdã original, parece ser um porto linear ao longo de toda a cidade, permitindo acesso direto.

Uma igreja, um mercado, uma prefeitura, um tribunal, uma prisão e, fora dos muros, um hospital constituem o aparato completo da mãe civilização. Apenas a grande quantidade de

Jollain, "vista aérea de Nova Amsterdã", 1672.



instalações para o tratamento e a armazenagem de couros na cidade atesta sua localização no Novo Mundo.

Fora dos muros, à esquerda, há uma área que parece prometer – após escassos cinquenta anos de existência – um novo começo, na forma de um sistema estruturado de quadras mais ou menos homogêneas que podem se estender, caso seja necessário, por toda a ilha, com o ritmo interrompido por uma diagonal como a da Broadway.

A paisagem da ilha oscila entre o plano e o montanhoso, entre o selvagem e o plácido; o clima parece se alternar entre verões mediterrânicos (fora dos muros há uma plantação de cana-de-açúcar) e invernos rigorosos (favoráveis à produção de peles).

Todos os componentes do mapa são europeus, mas, retirados do contexto e transplantados para uma ilha mítica, são montados num novo conjunto irreconhecível – porém, em última instância, exato: uma Europa utópica, fruto da compressão e da densidade. Já hoje, acrescenta o gravurista, “a cidade é famosa pelo enorme número de habitantes”.

A cidade é um catálogo de modelos e precedentes: todos os elementos desejáveis que existem espalhados pelo Velho Mundo finalmente reunidos num único lugar.

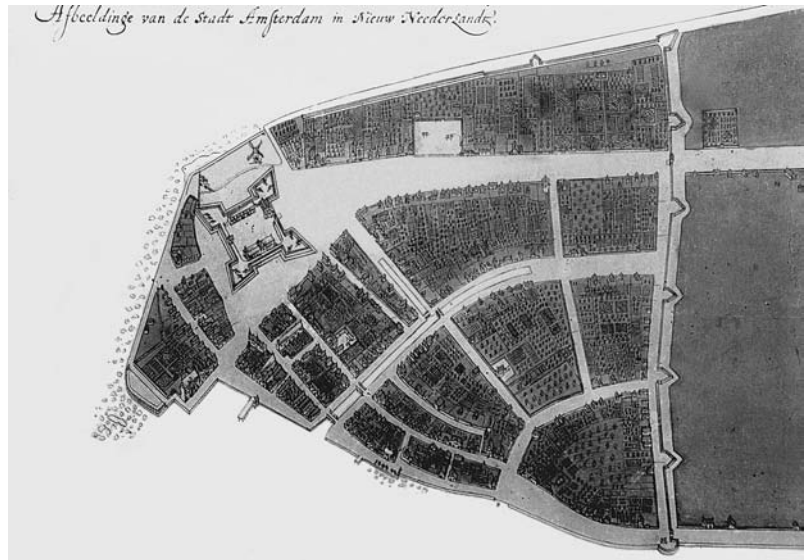
COLÔNIA

Afora os índios, que sempre estiveram lá – weckquaesgeeks no sul, reckgawawacks no norte, todos da tribo dos moicanos –, Manhattan foi descoberta em 1609 por Henry Hudson, quando buscava “uma nova rota para as Índias pelo norte”, por incumbência da Companhia Holandesa das Índias Orientais.

Quatro anos depois, Manhattan conta com quatro casas (isto é, assim identificáveis por olhos ocidentais) entre as cabanas índias.

Em 1623, trinta famílias saem da Holanda rumo a Manhattan para fundar uma colônia.

Entre elas está o engenheiro Cryn Fredericksz, levando instruções escritas de como deve ser o traçado da cidade.



Vista aérea de Nova Amsterdã como foi construída: a “barbárie norte-americana” cede lugar ao “refinamento europeu”.



Venda fictícia de Manhattan, 1626.



Proposta da Comissão para a *retícula* de Manhattan, 1811: “Ela divide uma terra despovoada, descreve uma população hipotética, situa edifícios fictícios, enquadra atividades inexistentes”.

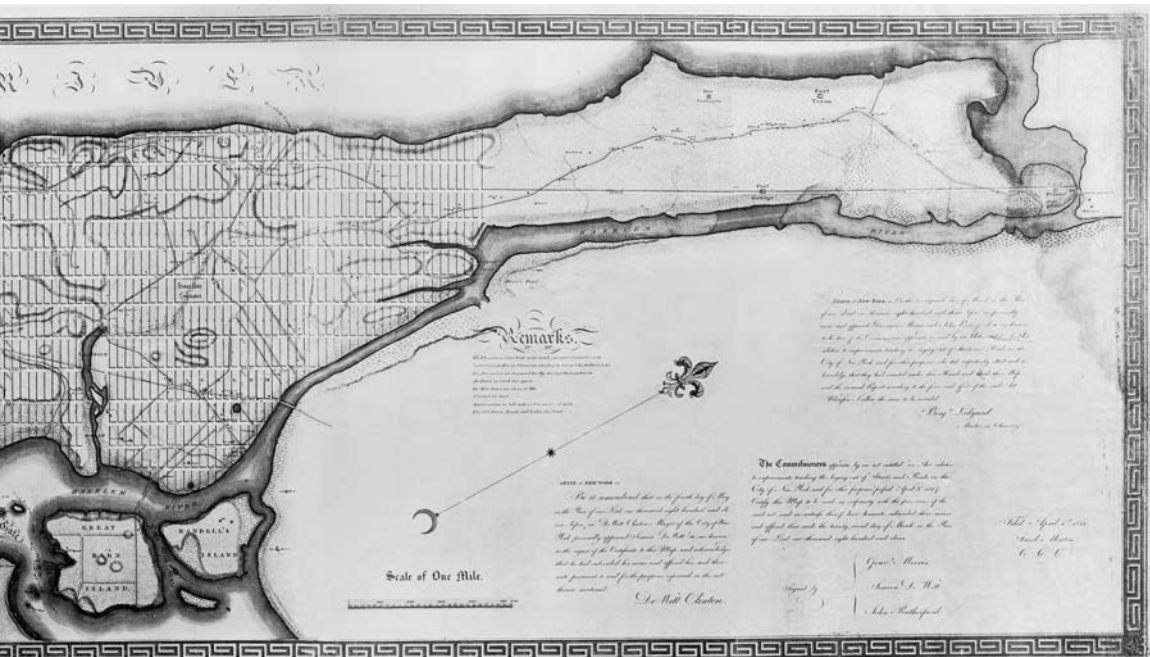
Como toda a Holanda é feita pela mão do homem, para os holandeses não existem “acidentes”. Eles planejam a fundação de Manhattan como se fosse uma parte de sua pátria fabricada.

O centro da nova cidade deve ser um forte pentagonal. Fredericksz deve “delimitar um fosso com 24 pés [7,32 m] de largura e 4 pés [1,22 m] de profundidade, definindo um retângulo que se estenda por 1.600 pés [487,68 m] desde a beira da água até o fundo e 2.000 pés [609,6 m] de largura [...]

Depois de demarcar o exterior do fosso circundante conforme acima, devem ser demarcados 200 pés [60,96 m] no interior, ao longo dos três lados A, B, C, com a finalidade de colocar as moradias dos colonos e seus quintais, e o que sobrar deve ficar vago para a construção de mais casas no futuro”.⁵

Fora do forte, do outro lado do fosso, devem ficar doze chácaras dispostas num sistema de lotes retangulares separados por valas.

Mas “esse padrão ordeiro e simétrico, concebido na segurança e no conforto dos escritórios da companhia em Amsterdã, se demonstrou inadequado para o terreno na ponta de Manhattan”.



Constrói-se um forte menor; o restante da cidade é traçado de maneira relativamente desordenada.

Apenas mais uma vez se faz valer o instinto holandês de ordem: quando os colonos cavam no leito de rocha um canal que avança até o centro da cidade. Dos dois lados ergue-se um conjunto de casas holandesas tradicionais com telhados de duas águas, que mantém a ilusão de que o transplante de Amsterdã para o Novo Mundo foi um sucesso.

Em 1626, por 24 dólares, Peter Minuit compra a ilha de Manhattan dos “índios”. Mas a transação é uma fraude: os vendedores não são donos da propriedade. Nem sequer moram ali. Estão apenas de passagem.

PREVISÃO

Em 1807, Simeon de Witt, Gouverneur Morris e John Rutherford são encarregados de desenhar o modelo que regulará a ocupação “final e conclusiva” de Manhattan. Quatro anos depois, eles propõem – para além da demarcação que separa a parte

conhecida e a parte incognoscível da cidade – doze avenidas no sentido norte-sul e 155 ruas no sentido leste-oeste.

Com essa simples providência, eles definem uma cidade de $13 \times 156 = 2.028$ quadras (excluindo acidentes topográficos): uma matriz que abarca, ao mesmo tempo, todo o território remanescente e toda a futura atividade da ilha.

A retícula de Manhattan.

Defendida por seus autores por facilitar a “compra, venda e melhoria dos imóveis”, essa “apoteose do quadriculado” – “com seu apelo simples aos espíritos não-sofisticados”⁴ – ainda é, 150 anos depois de ser imposta à ilha, um símbolo negativo da miopia dos interesses comerciais.

Na verdade, é a previsão mais corajosa da civilização ocidental: ela divide uma terra desocupada, descreve uma população hipotética, situa edifícios fantasmagóricos, abriga atividades inexistentes.

RELATÓRIO

A argumentação do relatório dos membros da Comissão apresenta o que será a estratégia principal da atuação de Manhattan: a drástica desconexão entre intenções reais e intenções declaradas, a fórmula que cria a crítica terra-de-ninguém onde o manhattanismo pode exercer suas ambições.

“Um dos primeiros objetos a solicitar a atenção deles foi a forma e a maneira de conduzir o assunto, isto é, se deviam se limitar a ruas retilíneas ou se deviam adotar alguns daqueles supostos melhoramentos, com círculos, elipses e estrelas, que certamente embelezam um projeto, quaisquer que sejam seus efeitos em termos de conveniência e utilidade. Ao considerar a questão, eles não podiam deixar de pensar que uma cidade é composta principalmente de habitações humanas, e que as casas com lados retos e ângulos retos são as mais baratas para construir, e as mais convenientes para morar. O efeito dessas reflexões simples e diretas foi decisivo”.

Manhattan é uma polêmica utilitarista.

“Talvez a muitos surpreenda que tenham restado tão poucos espaços vagos, e tão pequenos, para o ar fresco e o decorrente

benefício para a saúde. Certamente, se a cidade de Nova York ficasse ao lado de um pequeno rio como o Sena ou o Tâmis, seriam necessários muitos espaços amplos; mas aqueles largos braços de mar que cercam a ilha de Manhattan tornam sua localização, em termos de saúde e prazer, bem como de conveniência e comércio, particularmente feliz; portanto, na medida em que, pelas mesmas razões, o preço da terra é tão invulgarmente alto, pareceu adequado conceder aos princípios de economia uma influência maior do que poderiam ter, em outras circunstâncias, sob os ditames da prudência e do senso de dever”.

Manhattan é uma contra-Paris, uma anti-Londres.

“Talvez a alguns surpreenda que nem toda a ilha foi traçada como cidade; a outros talvez alegre que os membros da Comissão providenciaram espaço para uma população maior do que se tem reunida em qualquer lugar deste lado da China. Nesse aspecto, eles foram guiados pelo contorno do terreno [...] Ficar aquém da extensão traçada poderia frustrar justas expectativas, e ir além poderia fornecer elementos para o pernicioso espírito da especulação”.⁵

A retícula é, acima de tudo, uma especulação conceitual.

Apesar de sua aparente neutralidade, ela implica um programa intelectual para a ilha: com sua indiferença à topografia, ao que existe, ela afirma a superioridade da construção mental sobre a realidade.

O loteamento das ruas e quadras anuncia que a subjugação, se não a eliminação, da natureza constitui sua verdadeira meta.

Todas as quadras são iguais; sua equivalência invalida de uma só vez todos os sistemas de articulação e diferenciação que orientaram o desenho das cidades tradicionais. Com a retícula, a história da arquitetura e todas as lições de urbanismo anteriores deixam de ter pertinência. Ela obriga os construtores de Manhattan a desenvolver um novo sistema de valores formais, a inventar estratégias para diferenciar uma quadra da outra.

A disciplina bidimensional da retícula também cria uma liberdade jamais sonhada para a anarquia tridimensional. A retícula define um novo equilíbrio entre controle e descontrole, em que a cidade pode ser ao mesmo tempo ordenada e fluida, uma metrópole de rígido caos.

Com sua imposição, Manhattan está imunizada para sempre contra qualquer (outra) intervenção totalitária. Na quadra individual – a maior área possível capaz de cair sob o controle arquitetônico – ela desenvolve uma unidade máxima de ego urbanista.

Por não haver esperanças de que algum dia um cliente ou um arquiteto possa dominar partes maiores da ilha, cada intenção – cada ideologia arquitetônica – tem de ser plenamente realizada dentro dos limites da quadra.

Como Manhattan é finita e o número de quadras está fixado para sempre, a cidade não pode crescer de nenhuma maneira convencional.

Seu planejamento, portanto, nunca pode descrever uma configuração específica das edificações capaz de se manter estática ao longo do tempo; pode apenas prever que, aconteça o que acontecer, terá de ser em algum lugar dentro das 2.028 quadras da retícula.

Segue-se que uma forma de ocupação humana só pode se dar em detrimento de outra. A cidade se torna um mosaico de episódios, cada qual com seu próprio tempo de vida, que disputam entre si por intermédio da retícula.

ÍDOLO

Em 1845, é apresentada uma maquete da cidade, primeiro na própria cidade, e depois como objeto itinerante, para dar corpo à crescente idolatria de Manhattan por si mesma.

A “cópia da grande metrópole” é “um fac-símile perfeito de Nova York, representando todas as ruas, terrenos, edifícios, galpões, parques, cercas, árvores e todos os outros objetos da cidade [...] Sobre a maquete há um dossel de madeira ornamental entalhada em arquitetura gótica representando, na mais fina pintura a óleo, os principais negócios da cidade”.⁶

Os ícones da religião são substituídos pelos da construção.

A arquitetura é a nova religião de Manhattan.